



A PRÁTICA CLÍNICA SUPERVISIONADA E O DESENVOLVIMENTO DAS ATITUDES FACILITADORAS NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Giovanna de Abreu Trindade

Discente do curso de psicologia do UNIVAG - Campus Cuiabá
gvnn01@gmail.com

Juliana Batista Fitaroni

Docente do Centro Universitário de Várzea Grande- UNIVAG
juliana.fitaron@univag.edu.br

RESUMO

Este resumo expandido apresenta reflexões decorrentes da vivência no Estágio Supervisionado Específico I: Intervenção no Cotidiano, realizado na Clínica-Escola do UNIVAG, com base na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). A experiência clínica, sob supervisão da docente Juliana Fitaroni, tem sido acompanhada de discussões teóricas, relatos compartilhados entre colegas e orientação técnica que contribuem significativamente para o desenvolvimento profissional e pessoal. Nesse contexto, observam-se como as atitudes facilitadoras propostas por Carl Rogers são desafiadoras e, ao mesmo tempo, fundamentais na construção de uma prática psicoterapêutica ética e acolhedora. A ACP, desenvolvida por Rogers, diferencia-se por sua concepção de que o processo terapêutico não depende de técnicas específicas, mas da relação entre terapeuta e cliente (Pinto, 2001). Segundo essa abordagem, o profissional atua como facilitador do processo de desenvolvimento humano, ao confiar na capacidade inata da pessoa de crescer, amadurecer e se reorganizar, desde que encontre um ambiente seguro e respeitoso. Essa postura terapêutica baseia-se na criação de uma relação genuína, marcada pela empatia, pela congruência e pela consideração positiva incondicional. Inicialmente, a ausência de técnicas na ACP pode parecer indicar uma simplicidade prática. No entanto, a vivência clínica revela a complexidade dos valores subjacentes às atitudes facilitadoras, exigindo estudo contínuo, autorreflexão e comprometimento ético (Amatuzzi, 2012). A prática demanda um alto grau de presença, escuta e disponibilidade afetiva, o que torna imprescindível a apropriação teórica dos fundamentos da abordagem e o cultivo de uma postura genuína diante do cliente. A empatia, por exemplo, envolve um esforço ativo de compreender a experiência do outro a partir de sua própria perspectiva, sem projetar interpretações pessoais ou julgamentos. Essa compreensão exige não apenas escutar com atenção, mas comunicar ao cliente que se está presente e empenhado em compreendê-lo. Na prática clínica, surgem desafios significativos para sustentar essa atitude, especialmente quando há identificação com aspectos da história do cliente ou quando são relatadas vivências que entram em conflito com valores pessoais ou sociais. Nessas situações, o exercício da empatia torna-se ainda mais importante para garantir uma escuta ética, respeitosa e centrada na subjetividade do outro. A congruência, por sua vez, refere-se à autenticidade do terapeuta na relação. Ser congruente implica reconhecer e expressar, de forma adequada, os próprios sentimentos, mantendo coerência entre o que se sente, pensa e comunica. Essa atitude contribui para a criação de um espaço relacional não hierárquico, onde o cliente também se sente autorizado a ser quem é. No entanto, exige do terapeuta sensibilidade para discernir o que deve ou não ser compartilhado, sempre em função do processo terapêutico. A congruência, quando não sustentada por empatia, corre o risco de se tornar expressão de julgamentos pessoais ou reações inadequadas, motivo pelo qual o autoconhecimento e o acompanhamento supervisionado tornam-se indispensáveis. A consideração positiva incondicional é, talvez, a atitude que mais exige trabalho interno por parte do terapeuta. Trata-se da aceitação plena do cliente, independentemente de seus comportamentos ou posicionamentos. Envolve acreditar em seu potencial de crescimento e



respeitar sua autonomia. Essa postura pode ser especialmente desafiadora em situações nas quais o cliente expressa condutas que confrontam valores pessoais do terapeuta. Nesses momentos, é necessário um esforço consciente para acolher a experiência do outro sem que julgamentos interfiram na relação. Tal esforço demanda não apenas compreensão teórica, mas também maturidade emocional e prática constante, desenvolvidas com o apoio da supervisão clínica. Ao longo da experiência no estágio, ficou evidente como a supervisão desempenha um papel fundamental na formação do psicoterapeuta. É nesse espaço que as dificuldades, dúvidas e angústias podem ser elaboradas, fortalecendo o posicionamento clínico do estagiário. A supervisão possibilita que o futuro profissional compreenda seus limites, reflita sobre suas reações e desenvolva uma escuta mais qualificada. Além disso, oferece suporte para sustentar a prática das atitudes facilitadoras em contextos clínicos diversos, contribuindo para a construção de relações de ajuda mais sensíveis e efetivas. A prática clínica supervisionada, portanto, revelou-se como uma etapa formativa rica em aprendizados. A cada atendimento, aprofundou-se a percepção de que a relação terapêutica é o principal instrumento de trabalho do psicólogo centrado na pessoa. Não se trata apenas de aplicar um conjunto de técnicas, mas de sustentar, com presença e autenticidade, uma atitude de encontro com o outro. Ao colocar-se disponível para essa relação, o terapeuta se torna parte do processo de transformação do cliente – e, simultaneamente, também se transforma. Como considerações finais, destaca-se que a vivência no estágio clínico pela Abordagem Centrada na Pessoa evidenciou a complexidade e a beleza de construir relações terapêuticas baseadas na confiança, no respeito e na escuta genuína. A prática das atitudes facilitadoras exige constante trabalho interior, supervisão qualificada e comprometimento ético com o outro, sendo importante para a relação com os clientes, mas também promovendo o crescimento pessoal do terapeuta, uma vez que, a cada sessão em que se pratica as atitudes, é desenvolvida a capacidade de escuta ativa, presença plena e respeito pela singularidade de cada indivíduo. Por isso, trata-se de um caminho de crescimento mútuo, no qual terapeuta e cliente constroem juntos um espaço de cuidado, reconhecimento e desenvolvimento humano, portanto, a experiência clínica reforça a eficácia e importância de cultivar continuamente essas atitudes na prática terapêutica, bem como o papel fundamental da supervisão nesse processo de desenvolvimento do psicoterapeuta.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa; Atitudes Facilitadoras; Prática Clínica; Supervisão; Formação do Psicoterapeuta.

REFERÊNCIAS

PINTO, M. A Abordagem Centrada na Pessoa. Encontro ACP. 2001. Disponível em: < <https://encontroacp.com.br/conheca/> >. Acesso em: 15 nov. 2022.

AMATUZZI, M. M. **Rogers:** ética humanista e psicoterapia. 2 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.